

---

## A CRÍTICA LITERÁRIA E A QUESTÃO DA INTERAÇÃO LATINO-AMERICANA

Raúl ANTELO\*

Em seu ensaio sobre os *Non lieux*, uma introdução à antropologia da *surmodernité*, Marc Augé desenha três figuras do excesso que definiriam, por sua vez, a sobremodernidade. São elas a fartura ou abundância de acontecimentos, a saturação de espaços e, por último, a individualização das referências. A partir do excesso e de sua contra face, o hiper-cerimonial, Georges Bataille e Michel Leiris construíram teorias críticas do moderno em que o Outro detona a diferença. Não é exagerado, portanto, dizer que a invenção da América corresponde à invenção da modernidade concebida enquanto drama. A civilização, nos diz Sloterdijk, seria, então, essa ficção que nós mesmos representamos para nós mesmos já que existimos como auto-invenções do vivente e que, a partir da insuportabilidade da paixão dionisíaca imediata, projetou-se no suportável e no mediato. Em outras palavras, a América críspica e exaspera-se nessa dialética do insuportável. A esse respeito, em 1931, Michel Leiris nos fornece uma interessante ficção sobremoderna:

*América Latina — antaño tierra clásica de los sacrificios humanos — resulta feudo de elección para instaurar en ella una civilización, en cierto modo más violenta que la nuestra, y sin duda, más directa y más sana. Puede muy bien imaginarse que de una mezcla de razas en que se vieran fundidos españoles, portugueses, negros e indios; de una mezcla de religiones en que se encontraran sincretizados los sacrificios sangrientos de dioses, de hombres o de animales — desde los cometidos por los mayas hasta por el culto vaudou que tiene hoy adeptos en las Antillas, y las corridas de toros; de un movimiento*

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina

*revolucionario que invertiera los valores económicos y sociales, saldría un pueblo con capacidades prodigiosas, una religión más adecuada que las demás para adaptarse a ciertas tendencias instintivas del hombre, y entonces tendríamos unos Estados Unidos de América Latina, hechos para desempeñar un papel decisivo en el equilibrio universal, frente a los Estados Unidos de América del Norte y de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas...*

Contra a sistemática de uma razão moral em busca da verdade, a candura do mal lança uma auto-poetização da vida coletiva. Essa proposta, escabrosa se quisermos, nunca foi mais atual pois a América Latina é o heterogêneo. Há, nessa idéia, uma passagem ao excesso (a que Alfred Métraux deu nome: transgressão), excesso visto ainda como prática cultural não letrada mas que, entretanto, daria a Bataille e, mais tarde, a Foucault, os elementos para uma estética pós-iluminista. A seu modo, a tão propalada transculturação narrativa latino-americana (Rama) nada mais é do que uma outra estratégia do excesso, querendo dar conta dos não-lugares de nossa sobremodernidade, em tudo equiparável, aliás, a esses ensaios de *cultural studies* latino-americanos que estamos evocando agora.

Mas se a pergunta neste painel é pelas instituições que conformam a crítica (literária, cultural), a questão (netamente política) da integração latino-americana, vale dizer, se retraçamos um certo retrospecto histórico dos agentes desse excesso — dessas referências claramente individualizadas que definem nossa área —, deveríamos dizer que quatro agentes definem a intercomunicação entre literaturas do sul do continente. A constituição de Estados nacionais — Brasil, Argentina, Uruguai — que, de fato, fragmenta uma região indiferenciada, opera, paradoxalmente, no sentido de afiançar (tímidas) correspondências. Escritores do Prata, românticos ou modernos, quando visitam o Rio de Janeiro, estranham, por defeito ou excesso, a produtividade local. Para Mármol, em 1840, a diferença é a preguiça; para Arlt em 1930, o trabalho brutal e alienado. Há, porém, nos dois, a dificuldade em apreender uma *outra* organização de vida cotidiana, reduzida ao estereótipo da mescla (superstição, sujeira, ignorância e inseqüência, no dizer do autor de *Os sete loucos*). De fato, supersticiosos e inseqüentes são os contatos entre as literaturas ora sob o Estado, ora graças ao segundo agente, a vanguarda. Larreta é fortuito companheiro de boemia parisiense de Graça Aranha mas nunca interlocutor fecundo e, mesmo entre os

modernistas, a situação modifica-se apenas superficialmente. Discutindo sobre Ribeiro Couto em 1993, Borges admite desconhecimento quase completo da lírica brasileira, no que não há desdém mas “a indolente convicção — talvez errada, mas não ilógica de que as pessoas como eu ou como amigos que frequento e possuidores de bibliotecas semelhantes, não possam me fornecer grandes assombros” a esse respeito.

O escritor profissional é o terceiro agente intercomunicador. Lobato traduz e divulga Hugo West, Manuel Galvéz ou Horacio Quiroga. Galvéz, por sua vez, edita seu editor, Lobato, em Buenos Aires. História e ficção chegam a se interpenetrar nessas trocas quando Benjamin de Curay, o tradutor de Os sertões, é ficcionalizado pelo próprio Gálvez em *A tragédia de um homem forte*. O drama desses homens ainda fracassados não é escrever contra o público mas a seu favor. Criá-lo, cuidá-lo: é essa a opção pelo mercado. A esta acrescenta-se uma quarta alternativa de união: o Partido Comunista. O sucesso de Jorge Amado em espanhol coincide com sua fase stalinista (vivida, em parte, na região) e o mais discreto de Graciliano Ramos, às traduções de Bernardo Kordon ou Cristina Peri-Rossi. A ficcionalização reaparece: lembremos do tenebroso Rodolfo Ghioldi que surge nas *Memórias do cárcere*.

Política e literatura conformam uma dupla suspeita. Talvez seja excessivo afirmar, como quer Anthony Burgess, que sendo a política uma simplificação do imaginário social, o político não passe, a rigor, de pornografia. Mas é possível, entretanto, constatar dois vetores básicos que estruturam o campo da modernização cultural que vincula política e literatura, nesta região. De um lado, a ficção elabora o real. De outro, o realismo elabora a ficção. Seja vanguarda anti-mimética versus populismo realista. Seja fantástico versus controle do imaginário. O fato é que a crítica opera por polarizações. Matéria ou Forma? Anta ou Antropofagia? Mário ou Oswald? Roberto Schwarz ou Augusto de Campos? Desse processo tenso e dilemático, uma constante surpreende: a literatura experimental, mesmo quando caudatária de poderoso fluxo internacionalizador, é, paradoxalmente, pouco exportável ou até mesmo intraduzível. Um exemplo basta: Xul Solar escreve, nos anos 20, e às vezes junto com Bataille e Leiris, como em Imán, textos em néo-crioulo (síntese de português, castelhano, guarani) que são, em última análise e como queria Barthes, ilegíveis. A constatação é alarmante: cada vez mais as idéias são internacionais, mas cada vez mais as literaturas são regionais. É fácil ver nesta situação um dos avatares da sobre-

modernidade: um liberalismo sem ilusões que padece sem perspectivas de cosmopolitismo. É duro ver que, estancados a meio caminho na estabilização de um sistema de intercomunicação cultural, assistimos, atônitos, à sua crise e liquidação. Entretanto, é promissor (ainda) ver que a obra de arte absoluta se encontra com a mercadoria absoluta. Dessa mixórdia em que a diferença não passa de banalidade, pode surgir algo novo.